

Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde
Curso de Graduação em Enfermagem

ZAIRA NICOLLE FARIAS PEREIRA

**FATORES QUE INFLUENCIAM A PREVALÊNCIA DAS INFECÇÕES
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA POPULAÇÃO JOVEM**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado em forma de artigo ao curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES) como requisito parcial para conclusão do curso Bacharelado em Enfermagem, sob orientação da professora Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Brasília, DF
2019

Fatores que influenciam a prevalência das Infecções Sexualmente Transmissíveis na população jovem

Julliane Messias Cordeiro Sampaio¹

Zaira Nicolle Farias Pereira²

RESUMO

O objetivo do estudo foi identificar na literatura os fatores de prevalência das IST na população jovem. Trata-se de uma revisão narrativa em que as buscas de referencial teórico foram coletadas nas bases de dados do Scielo e PUBMED. Buscando facilitar o entendimento acerca da temática, optou-se por distribuir os resultados em cinco categorias: 1. Não conhecimento sobre a transmissão e prevenção de IST e/HIV, 2. Múltiplos (as) parceiros (as), 3. Parceiro fixo e envolvimento sentimental, 4. Falta de preservativo no sexo oral, 5. Uso de álcool e substâncias psicoativas. É possível consumir que os jovens abandonam o uso do preservativo por diversos fatores individuais, sociais e culturais. É imprescindível reforçar ações de prevenção com fornecimento de preservativos, exposição de banners e materiais informativos; emprego da internet e aplicativos telefônicos como métodos tecnológicos para a promoção da saúde; implementação de políticas de saúde nas escolas.

Palavras chave: preservativo, conhecimento, jovens, IST.

Factors influencing a prevalence in Sexually Transmissible Infections in the young population

ABSTRACT:

The group of studies was important in the literature on the factors of importance of STI in the young population. This is a narrative review as theoretical reference searches based on the databases of Scielo and PUBMED. In order to facilitate the understanding of the subject, we chose to distribute the results in five categories: 1. There is no knowledge about the transmission and prevention of STIs and / or HIV; 2. Multiple partners, 3. Partner and Sentimental Involvement, 4. Use of alcohol and psychoactive substances. It is possible for young people to abandon condom use through individual, social and cultural factors. It is essential the actions of prevention with the storage of condoms, exhibition of banners and informative materials; internet employment and telephone services as technological methods for health promotion; implementation of health policies in schools.

Key words: condom, knowledge, young people, IST.

¹ Professora Titular da Enfermagem FACES/UNICEB

² Estudante do curso de Enfermagem

1. INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) prosseguem como um importante desafio para saúde pública em função do seu caráter pandêmico e por sua gravidade (CUNHA, et al. 2015). O governo destaca a preocupação com o aumento da contaminação do HIV entre os jovens de 15 a 30 anos, responsáveis pelo maior número dentre a população (BRASIL, 2014). Particularmente as infecções não tratadas podem levar a complicações de saúde reprodutiva e aumentar o risco de transmissão do HIV (MARRAZZO et al., 2014).

As IST sempre foram tratadas de forma generalizada e abrangente, com exceção do HIV que obteve maior destaque nas políticas de prevenção. A falta de visibilidade das infecções, das suas respectivas formas de transmissão, da incidência, dos sintomas e das consequências para a saúde, suscita a incerteza e a dúvida entre os jovens que não conseguem identificar o perigo que os circunda (FONTE et al., 2018).

A julgar pelos dados do Boletim Epidemiológico, o HIV/AIDS permanece em prevalência há mais de 3 décadas. De 1980 a junho de 2008 foram identificados 506.499 casos de Aids no Brasil. Já de 2007 até junho de 2018, foram notificados 247.795 casos de infecção pelo HIV no Brasil (BRASIL, 2017). É fundamental frisar que qualquer pessoa sexualmente ativa, independentemente de faixa etária, classe social ou opção sexual, pode contrair uma IST, basta praticar sexo inseguro.

As pesquisas vêm apontando que a maioria desconhece as principais sintomatologias, formas de transmissão e prevenção, principalmente em infecções de grande incidência e de baixa explanação em veículos de informação (FOLASAYO et al., 2017; ABIODUN et al., 2014).

Jovens referem a não utilização do preservativo e justificam-no pela natureza repentina do momento, confiança no parceiro (a) e individualidade sexual com parceiros estáveis e como ferramenta protetiva (COLLADO et al., 2017).

No Brasil, preservativos masculinos e femininos são distribuídos de forma gratuita. No entanto, torna-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que monitorem o uso de preservativos entre os diferentes segmentos populacionais e os fatores que contribuem para o negligenciamento do sexo seguro (MOREIRA; DUMITH; PALUDO, 2015).

Conhecer a vulnerabilidade dos jovens pode contribuir para construção de propostas de prevenção específicas para esta população, bem como adequações no processo de formação de auto responsabilidade. Assim, o objetivo do presente estudo foi identificar na literatura os fatores que influenciam a prevalência das IST na população jovem.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa que identificou na literatura os fatores que influenciam na prevalência das IST na população jovem. Segundo Rother (2007), os artigos de revisão narrativa têm papel fundamental para a educação continuada pois, permitem ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre a temática específica em curto espaço de tempo; elas são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento do assunto proposto, sob ponto de vista teórico ou contextual.

As referências apresentadas pela literatura sobre o tema proposto foram coletadas a partir das bases de dados do Scielo e PUBMED. Utilizou-se os seguintes descritores indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): preservativo, conhecimento, jovens, IST. Foram feitas combinações duas a duas utilizando a expressão booleana “AND”, a fim de encontrar o maior número de publicações possíveis.

Foram selecionados 40 artigos publicados nas referidas bases de dados nos últimos cinco anos, disponíveis gratuitamente e na íntegra e que contemplassem o tema proposto para esta pesquisa.

3. DESENVOLVIMENTO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são transmitidas por agentes etiológicos do tipo vírus, bactérias, fungos e protozoários. São propagadas principalmente por meio do contato sexual via oral, vaginal ou anal, sem o uso do preservativo masculino ou feminino, com uma pessoa que esteja contaminada. A transmissão de uma IST pode ocorrer, ainda, no parto ou durante o aleitamento materno. Essas infecções podem se manifestar sob a forma de síndromes: úlcera genital, corrimento uretral, corrimento vaginal e inflamação pélvica (DIP) (ANDRADE; IRIART, 2015).

Do início da epidemia até dezembro de 2017, somente no Distrito Federal houve o registro de 10.735 casos de Aids. O índice de contágio dobrou entre jovens de 15 a 19 anos, passando de 2,8 casos por 100 mil habitantes para 5,8 na última década. Na população entre 20 e 24 anos, chegou a 21,8 casos por 100 mil habitantes. Os sucessores década de 1990 estão apresentando taxas de incidência de infecção maiores do que aquelas dos nascidos no período pré-epidemia, nas décadas de 1950 e 1960. Naquele período as pessoas estavam menos preparadas para enfrentar a doença por ser nova (GRANGEIRO, 2018).

Em 2017, observa-se que 27,8% das mulheres tinham ensino médio completo ou formação superior, enquanto que entre os homens, 51,5% tinham ensino médio completo ou formação em curso superior na data do diagnóstico (BRASIL, 2018). Ou seja, atualmente as

IST não se restringem apenas jovens pobres e de baixa escolaridade, e sim toda a gama dessa população vulnerável.

Buscando facilitar o entendimento acerca da temática, optou-se por distribuir os resultados em 5 tópicos: 1. Não conhecimento sobre a transmissão e prevenção de IST e/HIV, 2. Múltiplos (as) parceiros (as), 3. Parceiro fixo e envolvimento sentimental, 4. Falta de preservativo no sexo oral, 5. Uso de álcool e substâncias psicoativas.

3.1. Não conhecimento sobre transmissão e prevenção de IST/HIV

As IST ainda permanecem como estigma no imaginário da população, dificultando a troca de informações entre as pessoas em geral e, destes, com os profissionais de saúde. Apesar de uma parcela dos jovens possuírem níveis moderados de conhecimento, é chocante saber que suas práticas preventivas foram mal implementadas. A falta de diagnóstico e orientações sobre uso de preservativo acarretam no risco de disseminação de doenças sexualmente transmissíveis e também o risco da proliferação de bactérias resistentes pelo uso irracional de antimicrobianos e negligência em relação à saúde sexual da mulher (FOLASAYO et al., 2017).

É necessário salientar que não basta o saber sobre a necessidade de utilizar o preservativo na prevenção das IST; é necessário que o indivíduo tenha compreensão sobre as IST para poder considerar os riscos e as consequências de adquiri-las.

A literatura aponta que a compreensão dos adolescentes e jovens adultos sobre as infecções é abaixo do esperado. Para tanto, se faz jus informações sobre como reconhecer os principais sinais e sintomas, formas de transmissão e prevenção, principalmente em infecções de grande incidência e de baixa explanação em veículos de informação (OKAMOTO et al., 2016; DOURADO, 2015; MARRAZZO, 2014).

A ideia de auto percepção do jovem quanto à possibilidade de serem infectados indicam que existe a baixa perspicácia à ameaça para si próprio. Já em comparação ao 'outro', há um indicativo de maior susceptibilidade de contrair uma IST. Ou seja, o jovem acredita na crença que 'nunca acontecerá comigo' (FONTE et al., 2018).

Pinto et al. (2016) referem em sua investigação que a maioria dos jovens não possuem informações básicas sobre HIV, acerca da imunodeficiência causada pelo vírus, das formas de transmissão e prevenção, dos mitos, tabus e os testes para diagnóstico. Há a divergência que essas doenças podem ser adquiridas pelo contato de mãos, beijos, abraços, compartilhamento de objetos e uso do mesmo vaso sanitário de pessoas contaminada (GENZ et al., 2017).

Em uma pesquisa realizada em uma Universidade, identifica que 58,5% dos estudantes universitários da área da saúde não conhecem todas as formas de transmissão

das IST, apesar de 48,5% terem afirmado que possuíam todo o conhecimento acerca das IST (TEMÍSTOCLES et al., 2015).

O indivíduo que possui conhecimento, ainda que pouco, quanto à importância da prevenção, por influência do meio, a não portabilidade do preservativo, a vergonha e outros fatores, resulta na decisão de não fazer o uso dele e dar continuidade à relação sexual, baseando-se na crença de que “uma vez não haverá problema” (ALMEIDA et al., 2014).

Nesse contexto, as ações de promoção de saúde se revelam importantes no que se refere à aproximação do indivíduo com pensar crítico e reflexivo sobre si, frente as tomadas de decisão na utilização de preservativos e, a ferramenta utilizada para esse processo é a educação em saúde sobre as IST, pois há uma perspectiva de que a população, em geral, não consegue identificar as principais sintomatologias dessas infecções, além de formas de transmissão e prevenção.

3.2 Múltiplos (as) parceiros (as)

A multiplicidade de parceiros sexuais inclui-se como significativo fator de risco para aquisição de IST, tendo em conta pessoas com tal prática possuem maior oportunidade de contato com diferentes tipos de agentes etiológicos a cada contato com novo parceiro sexual.

No que diz respeito a esse comportamento, devemos analisar os perfis de parceiros, que podem caracterizar-se por serem ocasionais, regulares ou conjugais. Assim, é importante ressaltar que, a decisão de usar ou não o preservativo depende da relação estabelecida com o parceiro, que são analisadas face ao receio de ser infectado (NOGUEIRA et al., 2018).

Outro aspecto importante é o intervalo entre a primeira relação sexual com o último parceiro e a última relação com o penúltimo parceiro. Quanto menor o intervalo temporal entre parceiros, maiores os riscos de transmissão de infecções não detectadas. No caso dos homens, avalia-se, por último, a ocorrência de sexo pago com profissionais do sexo. Os homens, mesmo jovens e informados, tendem a revelar maior descuido e inconsistência no uso do preservativo com parceiros ocasionais (OLIVEIRA et al., 2018).

Araujo et al. (2015) retratam que pessoas jovens e que tiveram múltiplos parceiros sexuais nos últimos três meses foram as que maior apresentaram proporção de verrugas e úlceras genitais. O que corrobora com a investigação de Ceccato Junior et al. (2015), em que as mulheres que tiveram maior número de parceiros sexuais tiveram mais infecção cervical pelo HPV.

Outro estudo evidenciou que, cerca de 50% dos homens de perfil ocasional não usaram preservativo com parceiros ocasionais pelo menos uma vez na vida, proporção que atinge os 83,3% entre os recorrem habitualmente a profissionais do sexo (DOURADO et al., 2015).

Castro, et al. (2016) mostram que o preservativo masculino foi usado por 99% dos seus entrevistados, que referiram ter tido relações sexuais ocasionais, porém 69,5% deles não o utilizaram em todas as relações, o que prejudica de toda forma a preservação de contrair uma infecção. De fato, é consensual que seu uso correto deve ser estimulado em todas as relações sexuais.

Esta realidade alerta para formas compostas por atividades sexuais de sucessão e simultaneidade de parceiros, frequentes entre algumas camadas da população jovem. Pode-se confiar/acreditar na outra pessoa, mas não há como ter garantias. Esta é a justificativa para se orientar o uso do preservativo em todas as relações sexuais.

Segundo Skakoon e Cramer (2019), um dos erros mais cometidos nestas práticas, é utilizar o preservativo somente no fim da relação sexual, no momento em que o homem vai ejacular, desconhecendo que durante a lubrificação é possível ser secretado o líquido seminal ou fluído vaginal, e que esses possam conter algum protozoário capaz de transmitir para o parceiro. Outro estudo evidenciou que a perda do prazer associada ao uso do preservativo foi considerada um fator fundamental para seu abandono (MOREIRA; DUMITH; PALUDO, 2018).

3.3 Parceiro fixo e envolvimento sentimental

A confiança no parceiro é um dos principais motivos para o abandono do preservativo. Este sentimento estabelecido ao parceiro pode ser visto como um método de prevenção as IST e que propor sua utilização gera desconfiança no casal. Propô-lo significa pôr sua própria fidelidade em dúvida aos olhos do parceiro, o que colocaria em risco o convívio. Conforme os relacionamentos se tornam mais estáveis, há indivíduos que substituem o preservativo por outros métodos contraceptivos, como a pílula anticoncepcional. Quanto ao abandono do preservativo, em virtude do momento da relação sexual, alguns estudos apresentam dados que corroboram com esta situação (CASTRO et al., 2016; MOLA et al., 2016; PINTO et al., 2016).

Diante disso, o abandono no uso do preservativo nas relações sexuais muitas vezes é uma escolha consciente e desejada, mesmo sabendo dos riscos envolvidos de IST. Os praticantes fazem referência aos prazeres obtidos no sexo desprotegido devido a maior estimulação física, intimidade e ao sentimento de estar emocionalmente mais próximo ou conectado ao parceiro e, os impulsos provocados pelo desejo momentâneo podem estar atrelados à prática sexual desprotegida (DA FONTE et al., 2017).

A comunicação entre o casal, é essencial nas estratégias de acordo do uso do preservativo. Marrazzo (2014) sugere que a introdução do uso da camisinha no casamento seja feita primeiro pelo caminho da contracepção. Enfatizar a contracepção é

estrategicamente melhor, pois retrata o cotidiano e é entendida como uma necessidade concreta na vida das pessoas

É necessário entender e ser flexível para perceber que uma mudança estrutural só poderá ser feita em longo prazo, e que isto é incompatível com a necessidade urgente de reduzir a transmissão do HIV.

3.4 Falta do uso de preservativo no sexo oral

O sexo oral é uma modalidade de relação sexual que tem sua prática referida por jovens entrevistados em diversos estudos (XU et al. 2019; MORALES et al. 2018; YARED; SAHILE; MEKURIA, 2017).

Embora o risco de contrair doenças seja menor do que no sexo anal ou vaginal, sempre é recomendável usar proteção, já que as mucosas são porta de entrada para infecções (GAYA, 2017). Todavia, o jovem apresenta altas taxas de comportamentos sexuais orais, acompanhada por taxas elevadas e crescentes de infecções faríngeas com gonorreia e clamídia (LEON et al., 2016).

Apesar do risco de engravidar com sexo oral seja zero, várias infecções podem ser transmitidas pelo contato da boca com os órgãos sexuais, incluindo o HPV, o HIV, gonorreia, clamídia, herpes, sífilis e tricomoníase tem sido atribuída ao comportamento sexual oral (CHAN et al., 2016; WALKER et al., 2016).

Em uma pesquisa realizada em 2017, o uso do preservativo durante o sexo oral é de apenas 14, 5%, comparado aos 79,6% que não utilizam. O principal fator associado ao não uso do preservativo, ou uso infrequente, no sexo oral é o incômodo, seguido pela diminuição do prazer, sabor do preservativo, confiança no parceiro e a não percepção de risco (DA FONTE et al., 2017).

O jovem ainda perpassa a indisposição em mudar suas práticas sexuais atuais no que tange o sexo oral. Walker et al. (2016) declaram tal circunstância no estudo, e afirma ainda, que a maioria dos homens relatam não se preocupar com os riscos associados ao sexo oral.

Diversas técnicas de ensino devem ser adotadas e informações mais abrangentes devem ser incluídas, considerando os serviços de educação contemporânea de educação sobre o IST/HIV em escolas, faculdades e universidades em se concentrar claramente nos jovens (XU et al., 2019).

O acolhimento em educação em saúde deve se planejado e fornecido de forma abrangente, levando em consideração o comportamento dos jovens, incluindo orientar a utilização de preservativos e lubrificantes com sabores, alertar quanto aos riscos que o sexo oral desprotegido oferece, atrelando conhecimentos e detalhes úteis.

3.5 Uso de álcool e substâncias psicoativas

No contexto da busca de novas experiências e da exploração de novos ambientes, situações e companhias, jovens adultos e adolescentes demonstram uma maior tendência em se engajar em inúmeros comportamentos de risco. De fato, o abuso de álcool/substâncias psicoativas, principalmente entre os jovens e adolescentes, é um fator de risco para o contágio das IST. Tais práticas são mais frequentes do que na população em geral, e o seu uso aumenta a probabilidade de experimentar situações de risco, dentre elas o sexo sem proteção (ALVES; ZAPPE; DELL'AGLIO, 2015).

Estudos anteriores alertam que o uso de substâncias entre os jovens, especialmente o álcool e as drogas ilícitas, influenciam o comportamento sexual de risco, aumentando o risco de negligenciar o uso do método de proteção. Isso porque sob o efeito de tais drogas, os indivíduos tendem a se engajar em comportamentos que eles não fariam se estivessem sóbrios (GALAPPATHTHI-ARACHCHIGE et al., 2018; SASAKI et al., 2014).

No que se refere ao contexto à prática sexual e consumo de drogas, pesquisas apontam uma maior ocorrência da abdicação do uso do preservativo (OLIVEIRA-CAMPOS et al., 2014; MOLA et al., 2016). Esse cenário expõe a necessidade de educação sexual aliada a abordagens preventivas em relação ao uso de álcool, além de facilitar o acesso ao preservativo.

Em um estudo realizado em 2016, observou-se que mulheres que ingeriam álcool eram mais propensas a ter múltiplos parceiros e parceiros que apresentavam riscos. Estas mesmas, tiveram resultados positivos para a clamídia e outras IST quando realizado o exame de esfregaço vaginal e, também, identificou-se o não de preservativo com um parceiro casual, durante um período de acompanhamento de 12 meses (SALES et al., 2016).

Martins et al. (2018) identificam na pesquisa que as mulheres que relataram a prática sexual sob efeito de álcool tiveram 2,3 mais chances de ter contraído IST, e sob efeito de drogas as chances foram 2,2 vezes mais. Algumas probabilidades positivas em relação aos efeitos do álcool estão relacionadas à maior disposição para praticar sexo sem proteção depois de beber. Além disso, a bebida contribui com a rebaixamento da consciência de riscos e à dificuldade na tomada de decisões. Assim, um dos maiores problemas decorrentes é ter relações sexuais sem proteção.

É de se crer que a ação das drogas é capaz de causar desinibição e aumento do desejo sexual, permitindo que indivíduos fiquem mais propensos à tais práticas sexuais de risco. Frente a isso, muitos utilizam drogas propositalmente para distração, tendo em vista a aproximação com alguém que pretendem estabelecer relacionamento (VIEIRA et al., 2014).

Não receber informações sobre saúde sexual e reprodutiva aumenta a chance de ter relação sexual e o uso inconsciente de drogas, com maior magnitude para o sexo

desprotegido. Diante dos fatos, deve-se incentivar a divulgação de medidas de prevenção e educativas a respeito das consequências da associação de álcool e atividade sexual sem proteção, particularmente mais específica para essa população-alvo (LEON et al., 2016).

Políticas Públicas tendo em vista o adiamento da iniciação do consumo de drogas/álcool apresentam significativa importância uma vez que a experimentação precoce de tais substâncias pode contribuir para o desenvolvimento de hábitos regulares de consumo e conseqüentemente atribuí-los ao comportamento de risco (MOLA, 2016).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos elucidados nesse presente estudo, detectamos que os jovens abandonam o uso do preservativo por diversos fatores individuais, sociais e culturais. Embora saibam sobre IST e seus riscos, não empregam seus conhecimentos a si mesmos e à sua saúde sexual.

Para tanto, há de ser repensado um conjunto de estratégias articuladas que considere outros aspectos relevantes como o prazer. Além disso, esses jovens, em que há uma parcela de universitários, podem ser multiplicadores de informações qualificadas, consolidando as intervenções intersectoriais entre profissionais, gestores e usuários da saúde, e a universidade.

Cabe a enfermagem na qualidade de profissão, atuar na elaboração, realização e ponderação de planos assistenciais e educativos de saúde que possibilite a prevenção das IST/HIV/aids, com ênfase nos grupos mais vulneráveis. Sendo assim, é fundamental reforçar ações de prevenção com fornecimento de preservativos, exposição de banners e materiais informativos, minimamente, nos espaços de socialização deste grupo populacional; emprego da internet e aplicativos telefônicos como métodos tecnológicos para a promoção da saúde; implementação de políticas de saúde nas escolas; acessibilidade e humanização dos serviços.

Conclui-se que são necessárias estratégias para incentivar o uso do preservativo e comparecimento às unidades de saúde para realização de exames afim de diagnosticar precocemente as IST/HIV, além da promoção grupos de apoio que discutem estratégias para promover o uso e mobilizar a negociação do preservativo em todas as relações sexuais, e/ou realizar a profilaxia pós-exposição, sendo essas importantes ferramentas para minimizar a propagação de novas infecções.

5. REFERÊNCIAS

ABIODUN, O. et al. "Knowledge of HIV/AIDS and predictors of uptake of HIV counseling and testing among undergraduate students of a privately owned university in Nigeria." **BMC research notes**, v. 7, n. 639, s.p, 2014.

ALMEIDA, S. A. et al. Concepção de jovens sobre o HIV/AIDS e o uso de preservativos nas relações sexuais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 39-46, 2014

ALVES, C. F.; ZAPPE, J. G.; DELL'AGLIO, D. D. Índice de Comportamentos de Risco: construção e análise das propriedades psicométricas. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 32, n. 3, p. 371-382, Sep. 2015.

ANDRADE, R. G.; IRIART, J.A A. B. Estigma e discriminação: experiências de mulheres HIV positivo nos bairros populares de Maputo, Moçambique. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 565-574, 2015.

ARAUJO, M.A.L. et al. Doenças sexualmente transmissíveis atendidas em unidade primária de saúde no Nordeste do Brasil. **Caderno de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 347-353, Dec. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico – AIDS e DST**. Ano II, nº18. (2014). Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2018>. Acesso em: 2 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Prevenção Combinada do HIV. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

CASTRO, E.L. et al. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1975-1984, 2016.

CECCATO JUNIOR, B.P.V. et al. Prevalência de infecção cervical por papilomavírus humano e neoplasia intraepitelial cervical em mulheres HIV-positivas e negativas. **Revista brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. Rio de Janeiro, v. 37, n. 4, p. 178-185, Apr. 2015.

CHAN, P.A. et al. "Extragenital Infections Caused by Chlamydia trachomatis and Neisseria gonorrhoeae: A Review of the Literature." **Infectious Diseases in Obstetrics and Gynecology** vol. 6, 2016

COLLADO, A. et al. "Discounting of Condom-Protected Sex as a Measure of High Risk for Sexually Transmitted Infection Among College Students." **Archives of sexual behavior** vol. 46,7, p. 2187-2195, 2017.

CUNHA, G.H. et al. Qualidade de vida de homens com AIDS e o modelo da determinação social da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 183-191, 2015.

DA FONTE, V.R.F. et al. Factores asociados con el uso del preservativo entre hombres jóvenes que tienen sexo con hombres. **Enfermería Global**. Murcia, v. 16, n. 46, p. 50-93, 2017.

DE SOUSA, N. F.J. et. al., Caracterização dos usuários atendidos em um centro de testagem e aconselhamento em infecções relacionadas ao sexo. **Saúde e Pesquisa**, v. 10, n. 2, p. 243-250, 2017.

DOURADO, I. et al. Revisitando o uso do preservativo no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo, v. 18, supl. 1, p. 63-88, Sep. 2015.

FOLASAYO, A.T. et al. "Assessing the Knowledge Level, Attitudes, Risky Behaviors and Preventive Practices on Sexually Transmitted Diseases among University Students as Future

Healthcare Providers in the Central Zone of Malaysia: A Cross-Sectional Study.” **International Journal of Environmental Research and Public Health** vol. 14, n.2 p.159, 2017.

FONTE, V.R.F. et al. Conhecimento e percepção de risco em relação às infecções sexualmente transmissíveis entre jovens universitários. **Cogitare Enfermagem**. Curitiba, v. 23, n. 3, e55903, 2018.

GALAPPATHTHI-ARACHCHIGE, H.N. et al. “Reproductive health problems in rural South African young women: risk behaviour and risk factors.” **Reproductive Health** vol. 15, p. 1-138, 15 Aug. 2018.

GAYA, M.R. 5 mitos sobre o sexo oral relacionados com doenças sexualmente transmissíveis; **BBC News**, 10 abril 2017. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-39549220>>; acesso em 18 maio 2019.

GENZ, N. et al. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. **Texto & contexto – enfermagem**. Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 510, 2017.

GRANGEIRO, A. Mudança no comportamento sexual de jovens causa aumento de infecções sexualmente transmissíveis. **AUN – Agência Universitária de Notícias**, São Paulo, 2018.

LEON, S.R. et al. “High prevalence of Chlamydia trachomatis and Neisseria gonorrhoeae infections in anal and pharyngeal sites among a community-based sample of men who have sex with men and transgender women in Lima, Peru.” **BMJ open** vol. 6,1 e008245, 2016.

MARRAZZO, J.M. et al. “HIV prevention in clinical care settings: 2014 recommendations of the International Antiviral Society-USA Panel.” **JAMA**. vol. 312,4. p.390-409, 2014.

MARTINS D.C., et al. Sexual behavior and sexually transmitted diseases among the female partners of inmates. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. v. 26, n. 30, p. 43, 2018.

MOLA, R. et al. Uso de preservativo e consumo de bebida alcoólica em adolescentes e jovens escolares. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo. v. 14, n. 2, p. 143-151, 2016.

MORALES, A. et al. “Sexual risk among Colombian adolescents: knowledge, attitudes, normative beliefs, perceived control, intention, and sexual behavior.” **BMC public health** vol. 18,1 p. 1377, 2018.

MOREIRA, L.R.; DUMITH, S.C.; PALUDO, S.C. Uso de preservativos na última relação sexual entre universitários: quantos usam e quem são?. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1255-1266, 2018.

NOGUEIRA, F.F.S. et al. PREVENÇÃO, RISCO E DESEJO: ESTUDO ACERCA DO NÃO USO DE PRESERVATIVOS. **Revista Brasileira de Promoção da Saúde**. Fortaleza, v.31, n.1, 2018.

OKAMOTO, C.T. et al. Perfil do Conhecimento de Estudantes de uma Universidade Particular de Curitiba em relação ao HPV e Sua Prevenção. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 611-620, 2016.

OLIVEIRA, M.M. et al. Procura por serviços ou profissionais de saúde entre adolescentes brasileiros, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo, v. 21, supl. 1, e180003, 2018.

OLIVEIRA-CAMPOS, M. et al. Comportamento sexual em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Revista brasileira de epidemiologia**. São Paulo, v. 17, supl. 1, p. 116-130, 2014.

PINTO, A.C.S. et al. Prática educativa com jovens usuários de crack visando a prevenção do HIV/AIDS. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, e20160066, 2016.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Escola Paulista de Enfermagem**, v.20, s.p. 2007.

SALES, W.B. et al. Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. **Revista de Enfermagem Referência**. Coimbra, v.4, n. 10, p. 19-27, set. 2016.

SASAKI, R.S.A. et al. Comportamento sexual de adolescentes escolares da cidade de Goiânia, Goiás. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.17, p. 172–182, 2014.

SKAKOON, S.S.; CRAMER K.M. Estamos Cegos pelo Desejo? Motivação de Relacionamento e Intenções Sexuais de Risco na Negociação de Preservativos, **The Journal of Sex Research**, 2019.

TEMÍSTOCLES, K. B. D. et al. Young academics and the knowledge about sexually transmitted diseases - contribution to care in nursing. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 3020-3036, 2015.

VIEIRA, L.B. et al. Abuso de álcool e drogas e violência contra as mulheres: denúncias de vividos. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 67, n. 3, p. 366-372, 2014.

WALKER, S. et al. "Pharyngeal Gonorrhoea: The Willingness of Australian Men Who Have Sex with Men to Change Current Sexual Practices to Reduce Their Risk of Transmission-A Qualitative Study." **PloS one** vol. 11, p.12, 2016.

XU, H. et al. "Sexual attitudes, sexual behaviors, and use of HIV prevention services among male undergraduate students in Hunan, China: a cross-sectional survey." **BMC Public Health**, v. 19, n.1 p. 250, 2019.

YARED, A., SAHILE, Z, MEKURIA, M. Sexual and reproductive health experience, knowledge and problems among university students in Ambo, central Ethiopia. **Reproductive Health**, v.14 p. 1-41, 2017.